

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS NO
CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL**

ELIEUZA BISPO FERNANDES

**REISADOS: O LEGADO CULTURAL PARA A SOCIEDADE
CANABRAVENSE**

BRASÍLIA, 14 DE NOVEMBRO DE 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS NO
CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL**

ELIEUZA BISPO FERNANDES

**REISADOS: O LEGADO CULTURAL PARA A SOCIEDADE
CANABRAVENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso entregue como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Educação em e para os Direitos Humanos e Diversidade Cultural, Orientado pela Profa. Dra. Jane Farias Chagas Ferreira.

BRASÍLIA, 14 DE NOVEMBRO DE 2015

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que me deram vida e me ensinaram a ser gente.

Aos meus irmãos, que junto comigo, aprenderam dos meus pais o valor da vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da vida e fonte de toda sabedoria, que me possibilitou a realização desse estudo.

A minha família, que de forma direta e indireta, me injetava forças e ânimo na continuação dos estudos, fazendo-me acreditar e realizar.

A minha orientadora Profa. Dra. Jane Farias Chagas Ferreira, Por acreditar em mim e incentivar-me a dar formosidade e cunho científico à minha pesquisa.

A minha amiga Simony, que ouviu minhas especulações, dúvidas e me ajudou a decidir o tema. Ouviu meus desabafos, angústias e desespero e pode contribuir no direcionamento dos trabalhos.

Um agradecimento todo especial aos grupos cantadores de reis, principalmente aos que concederam entrevistas, possibilitando assim, a concretização desse trabalho, são merecedores da minha eterna gratidão.

RESUMO

A celebração dos reisados na sociedade canabravense contribuiu na formação desse povoado e deixou um legado a essa gente. Rememorar a história, considerando as Folias de reis como patrimônio cultural foi o objetivo central do trabalho. Primeiro, buscou-se compreender a cultura e seu significado na vida do homem, como surgiu as Folias de reis, sua relação com as manifestações culturais e conhecer sobre os três reis magos. Por meio de entrevistas com os cantadores de reis, buscou-se descrever essas Folias, trazendo, nas falas dos ilustres integrantes dos grupos cantadores canabravenses, o valor cultural que significava para o povo esses folguedos, dando vida a essas lembranças que jamais será morta. A escrita dessa história permitirá que ela atravesse gerações e permaneça no acervo das memórias dos cidadãos canabravenses que são os personagens mais importantes na formação de qualquer narração e da vida dessa comunidade.

Palavras-chave: Folias de reis; diversidade cultural; história; reisados;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	07
PROBLEMATIZAÇÃO -----	10
OBJETIVOS -----	12
Objetivo Geral -----	12
Objetivos Específicos -----	12
REFERENCIAL TEÓRICO -----	13
Cultura: Definições e Aspectos Gerais -----	13
Origem das Folias de Reis-----	15
Os Três Reis Magos -----	17
Os Reisados, Diversidade Cultural e os Direitos Humanos -----	19
AÇÕES INTERVENTIVAS – MÉTODO -----	22
Delineamento -----	22
Participantes e Entrevistas -----	22
ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO: UM POUCO DE	

HISTÓRIA... -----	24
Reisados em Canabrava: História e Memória -----	27
A Musicalidade e as Danças nas Folias de Reis em Canabrava -----	37
Lapinha: Religiosidade e Cultura -----	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	49
REFERÊNCIAS -----	51

INTRODUÇÃO

Falar sobre os reisados na comunidade de Canabrava é rememorar uma tradição que por muito tempo fez a história dessa localidade e que se perdeu na modernidade globalizada. A cultura local representa a identidade de um povo, a forma como se vive, como se veste, canta, come, reza, dança, ou seja, é uma reverência à sua especificidade de ver e compreender a vida. Assim sendo, por meio dos reisados, os povos manifestavam a sua euforia. Diante da dança, encontrava a fonte de lazer e diversão, ao mesmo tempo, apresentava uma devoção aos reis magos. Essa data festiva significava mais que uma expressão religiosa, era uma comum união entre o religioso e o profano e mostrava a alegria contagiante de um povo que tem fé na vida e por isso canta e dança celebrando a alegria de ser povo, de ter vida.

Por muito tempo, essa cultura de celebração dos reisados trouxe, não apenas alegria e sentido à vida desse povo, mas, sem que percebesse ou desse conta, foi construindo a sua identidade. O intuito do trabalho é rememorar elementos importantes que formaram a cultura dos reisados, buscando por meio dos cantadores de reis, trazer à sociedade atual,

elementos formadores da cultura dos reisados que merecem ser perpetuados, não apenas na memória dos cantadores e dançadores de reis, mas, é importante que seja componente da constituição histórica dessa localidade.

Não se pretende falar de flores, nem ao menos resgatar os espinhos, a principal inspiração que conduz este trabalho é falar de cultura e de gente, pois não há como falar daquela sem esta. A cultura existe porque existe gente e gente existe e faz cultura. Nesse sentido, a gente que faz cultura na localidade de Canabrava é a inspiração fundamental para o enredo deste trabalho. Conhecer um recorte da história local, viajar pelas festas de reis por meio das lembranças dos moradores que foram os autores e construtores dessa cultura trará para essa sociedade um maior conhecimento acerca da formação da identidade. Essa é uma forma de valorizar a cultura como fonte de sabedoria e de experiência de um povo, o qual, por meio de suas manifestações constrói um legado vivo e verdadeiro, que não nasce de propagandas consumistas, nem de ideias eletrônicas, mas surge do meio do povo simples e vivo, do meio e por meio de um povo que tem em suas mãos, nos seus fazeres e afazeres da vida cotidiana uma história que traz uma cultura sonhada e camuflada pela globalização. Vemos com PULINO (2015) que essa globalização surge desde o período de colonização do Brasil

No caso do Brasil, este é um país marcado pela pluralidade desde sua formação. Teve os povos indígenas como habitantes originários de seu território, com quem os portugueses se defrontaram na época do “descobrimento” e contra os quais investiram suas “armas” caracterizadas por ações voltadas para a cristianização e educação, marcadas pela ideologia dos descobrimentos colonizadores, pretensamente civilizatórios. (...) Os portugueses, imbuídos da missão “civilizatória”, calcada na ideologia da cultura europeia, que se considerava superior e se propunha a “salvar” outros povos, educavam-nos para saírem da selvageria, da barbárie, e se tornarem “civilizados”.

A globalização chegou ao país com os europeus, que traziam seus costumes, suas formas de compreender a vida e empregaram aos nativos como verdade absoluta. Assim já se começa as transformações culturais embutidas pelo processo de globalização,

transmitindo a ideia de que todos devem ser um, onde todas as culturas devem formar uma, um único jeito de compreender e materializar a existência.

Este trabalho pretende não deixar morrer o legado dos reisados e rememorar a cultura, buscando reconhecer e valorizar a constituição histórica dos reisados, saber tudo que é história é vida e se é vida merece ser valorizada. Assim sendo, a valorização da cultura de reis passa por meio do (re)conhecimento para chegar à identificação. Hoje, tem-se festas de praças, shows eletrônicos, mas, no passado, essas festas eram vivenciadas nas casas das pessoas, de um jeito que toda a família poderia participar, oferecendo a oportunidade a crianças, jovens e adultos de se misturarem numa dança que nascia da união entre a religião, a alegria dos reis magos ao reverenciar o menino Deus que nasce e a secularização, a forma que os povos encontraram para dar vida a essa data, um jeito de manifestar uma alegria não apenas pelo nascimento do menino Deus, em Belém, mas, lembrando esse menino, celebrar os vários meninos e meninas, homens e mulheres, que nascem no meio do povo. Por isso, a festa dos reis magos era a festa do povo. Sem distinção, cada um poderia pegar sua disposição, seu tambor, sua alegria e partir para o meio, os moradores abriam as portas para receber aqueles que traziam consigo a alegria de festejar a vida.

Com base nos estudos de Barroso (2008), os reisados podem ser considerados patrimônio da humanidade, devido a sua longevidade, riqueza e diversidade. No Brasil, ele se apresenta com diferentes nomes (Terno de Reis, Tiração de Reis, Folia de Reis, Reisado – de Congo, de Caretas ou de Couro, de Caboclos, de Bailes, - Boi, Rancho de Reis, Guerreiros, etc.). Segundo os entrevistados, na comunidade de Canabrava ele se apresenta com o nome de “Folia de Reis”.

Descrever os reisados, da forma como está descrito aqui, contribui para a constituição memorial de Canabrava. Os continuadores da história local saberão que anteriormente os cantadores das Folias de Reis integraram a vida da localidade, saberão que os cantadores e dançadores das Folias de Reis fizeram seu papel na formação desse povo. Portanto, escrever sobre Reis é falar de cultura e de identidade. A pesquisa não traz apenas uma demonstração da importância dos reisados que foram realizados naquela época. A inspiração é mais profunda, pretenderememorar essa cultura para que ela possa ser

lembrada pelos moradores atuais, de modo que o reisado possa ser visto como patrimônio da sociedade canabravense. Se é um legado das gerações passadas para essa geração, é porque tem valor e precisa ser cuidado para não ser aniquilado e esquecido. Desta maneira, esta pesquisa pretende reconhecer esse legado e fortalecer a sua memória.

Realizar um trabalho que busque do meio do povo resgatar a história é oferecer aos moradores a oportunidade de conhecer a vida de sua localidade e trazer as raízes que antecederam a essa genealogia de culturas presentes na sociedade atualmente. Portanto, é como descobrir a biografia de avós, bisavós e tataravós dessa geração. Os reisados vivenciados pelos antecedentes dessa geração é fonte de riqueza cultural para o acervo desse lugar. Conhecer a cultura local é conhecer a própria história, é saber de suas raízes, é compreender as formas de expressões populares que dão vida e constitui uma sociedade organizada.

Ler é reviver, portanto, por meio dessa leitura, caro leitor, ter-se-á a oportunidade de reviver as festas de reis celebradas nas casas populares da sociedade canabravense. Encontrar-se-á nas entrelinhas das palavras dos contadores de histórias, os cantadores de reis, a doce sensação de estar fazendo uma regressão e entrando no labirinto cultural, saindo ao final da leitura com o conhecimento enriquecido e inebriado pela oportunidade de presenciar, ainda que no imaginário, uma celebração dos reisados.

Problematização

Como era os reisados realizados no distrito de Canabrava e como reconhecê-lo como patrimônio histórico canabravense?

Essa é a questão problematizadora da pesquisa. Primeiramente, conhecer os reisados do distrito de Canabrava, sua origem, como o festejo chegou a essa comunidade, quem o trouxe, como era realizado, as pessoas que lideravam esse movimento. Se era efetivado em praças públicas, nas casas de pessoas, por quantos dias? O passo mais importante para a transformação é o conhecimento, nesse sentido, em primeiro plano, a pesquisa buscou escrever a história dos reisados no distrito de Canabrava. A busca pelas

origens dá sentido à vida. Não basta apenas saber da existência dos reisados na história da sociedade canabravense, é preciso conhecê-lo profundamente, averiguando a sua essencialidade.

A Folia de Reis realizada no distrito de Canabrava, por muito tempo têm ficado esquecida na lembrança de muitos moradores, sobretudo os mais jovens. Essa Folia faz parte do memorial histórico da localidade, é parte constituinte das manifestações culturais que agregam valor e vida ao povo. De acordo com CHAVES (2011) *“A Folia de Reis é tida como uma festa folclórica, uma das muitas manifestações da cultura popular brasileira”* (p. 12). Essas manifestações populares surgem no meio do povo como formas de expressão do entendimento e valor dado à vida, são modos de expor, dando materialidade às significações construídas a respeito do que é o viver

Nesse sentido, conhecer a história desses reisados, como eles aconteceram e principalmente a sua importância para a formação dessa localidade, é o passo fundamental para reconhecer o legado deixado pelas Foliadas de Reis na constituição dessa localidade. É encontrar nas raízes culturais as manifestações populares, as formas de organizar e celebrar a vida. A falta de conhecimento sobre os reisados acarreta em prejuízo histórico, dificulta a compreensão dos valores construídos pelo povo e a sua forma de manifestar suas crenças, suas alegrias, suas celebrações e festas.

Como, conhecendo os caminhos dos reisados em Canabrava, fazer com que ele perpetue de modo que seja reconhecido como patrimônio histórico? Espera-se que a reconstrução escrita promulgue a sua importância. Patrimônio precisa ser “resguardado” e valorizado como tal. Assim, a pesquisa reescreveu a história dos reisados para ser difundida no meio dos seus moradores, por meio de eventos culturais e educacionais, e para ser contemplada como riqueza cultural a ser lembrada como legado da diversidade da cultura, que nasceu do povo e se efetivou pelo povo. A pesquisa buscou-se, por meio da tradição, promover a proclamação do povo por meio de suas manifestações.

A falta de valorização dos reisados leva ao esquecimento. Por mais alguns anos já não se lembrará dessa riqueza que constitui a história dessa localidade. Isso leva à morte cultural, é o mesmo que renegar as raízes. Infelizmente, isso é comum no nosso país.

Tomemos, como exemplo, os índios, nativos dessa terra, trabalhavam, já haviam formado um povo com seu jeito de viver, sua forma de ver e significar a vida. Os estrangeiros europeus, mais informatizados apossaram e subestimaram não apenas as terras, mas a cultura, os valores, as crenças, as festas, as comidas. Importaram tudo e o índio ficou no esquecimento. Pulino (2015), nos lembra como foi o período de “descoberta” do país e a demarcação ideológica imposta pelos estrangeiros.

Europeus – portugueses, franceses, holandeses, em sua maioria - indígenas, africanos negros trazidos como escravos, habitaram nosso país, que se transformou em um palco de conflitos, resistências, disputas de território, de ideias, crenças, práticas, línguas, religiões, expressões artísticas, maneiras de ver o mundo e de cada um se identificar e de se reconhecer (ou não) mutuamente como humano.

Em meio a esses conflitos, os europeus impunham sua civilização, ocultando a cultura que aqui já existia, encobertando as manifestações dos nativos. Dessa forma, os povos mais simples foram camuflados pela ideologia dos mais poderosos.

Com o intuito de fazer perpetuar pela memória dos povos canabravenses, para que os moradores atuais e futuros vejam nos reisados um legado cultural construído e deixado como fonte de construção histórica e tenham o conhecimento desse legado cultural, será entregue nas escolas de Ensino Fundamental, para que os professores num trabalho interdisciplinar, possam possibilitar que os alunos não apenas conheçam os reisados, mas que possam reconhecê-lo, por meio da sua importância, como patrimônio histórico da sociedade canabravense. Patrimônio histórico porque não apenas constitui um passado, mas contribui para a formação de um povo, foi uma maneira relevante de os f canabravenses manifestarem sua forma de ver e significar a vida. Ainda que não seja legalmente reconhecido como patrimônio histórico, mas o reconhecimento por parte dos moradores será sublime.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo geral tornar conhecido os reisados de Canabrava, compreendê-lo como legado histórico e proclamá-lo patrimônio cultural dos canabravenses a ser prestigiado pela sociedade atual.

Objetivos Específicos

- Relatar a história dos reisados na comunidade de Canabrava;
- identificar as manifestações culturais da comunidade de Canabrava como parte formadora de sua identidade;
- refletir sobre o legado histórico deixado pelos cantadores de Reis à sociedade canabravense.

REFERENCIAL TEÓRICO

Cultura: Definições e Aspectos Gerais

NUNES (2009), enfatiza que, para os romanos, *cultus* denota cultivo da terra e reverência aos mortos. De acordo CHAVES (2011), a palavra cultura tem origem latina, se relaciona com atividades agrícolas e deriva da palavra *colere* que denomina cultivar. Pensadores romanos transpõem o termo *colere* para denominar “o cultivo da alma”, assim, o estudo da cultura e compreensão do seu significado passa a ser alvo de ciências mais refinadas, como, por exemplo, a filosofia, belas artes e literatura. Com a difusão do termo cultura, passou a interessar diversas áreas do saber ao modo que foi ganhando diversos significados.

No fim do século XVIII e início do século XIX, período em que constam os antecedentes históricos sobre a conceituação de cultura, *kultur* era um termo germânico que simbolizava os fenômenos espirituais reverenciados por um determinado povo. Já para os franceses, *civilization* se referenciava às práticas materiais. Posteriormente, Tylor resume tudo isso no conceito de cultura, denotando o termo como “*todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade*” (LARAIA apud CARVALHO, 2009).

A cultura nasce com o homem e este nasce na, com e para a cultura. A simbologia do homem para a organização da sua vivência, as normas criadas, os meios inventados para a sua sobrevivência, o lazer, possibilita o tornar-se humano, o distingue dos outros seres. O fato de pensar, de utilizar do raciocínio para sua organização em sociedade, para a compreensão de vida, o distingue dos outros animais e este deixa de ser apenas um animal e passa a ser um humano que raciocina, por isso, animal racional. Daí nasce a cultura.

Todo o comportamento humano se origina no uso dos símbolos. Foi o símbolo que transformou os nossos ancestrais antropóides e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente

pelo uso dos símbolos... Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano... O comportamento humano é o comportamento simbólico. Uma criança do gênero Homo torna-se humana somente quando é introduzida e participa da ordem de fenômenos superorgânicos que é a cultura. E a chave deste mundo e o meio de participação nele, é o símbolo (WHITE apud NUNES, 2009, p. 15).

Com isso, resulta que a cultura nasce com o homem e o jeito de se organizar, de criar símbolos para dar significação às realizações. As postulações de denotações acerca do termo cultura são mais uma das simbologias utilizadas por esse ser humano, que tem o potencial do raciocínio, para dar sentido às suas diferentes maneiras de expressão.

Denotar cultura, portanto, é uma atividade complexa e improvável a obtenção de um resultado unívoco, pois há uma variedade de culturas e estas ganham significações relacionadas com a forma de viver de seu povo. De acordo com Carvalho (2009, p. 21), *“toda produção humana só tem sentido quando analisada na cultura em que foi criada”*. A estratificação da cultura, denominando-a de erudita e popular, resulta da produção humana, de quem são os seus elaboradores.

Para CHAVES (2011), a refinação da cultura por meio de estudos da literatura, filosofia e das belas artes, possibilitou que essa segregação a classificasse erudita e popular. Como tudo que o homem faz é produto de uma aculturação, não podemos dizer que a categorização entre erudita e popular enaltece uma e menospreza outra, pois não há uma classificação vertical. Nenhuma é inferior ou superior à outra, apenas se classifica de acordo à produção humana, e a forma de o homem significar seus conhecimentos, se são refinados e dirigidos por pensadores e estudiosos ou se surge do meio do povo como significação de suas manifestações. Sejam essas, religiosas, como as crendices e superstições; seja no lazer, como as músicas, as danças, as festas; o modo de se alimentar, como as comidas, bebidas; as vestimentas, o tipo de roupa, de calçados, a maneira de se vestir para cada ocasião; as relações sociais, sejam familiares, entre amigos e principalmente entre a divergência de gêneros, aí pode-se incluir a formação das famílias, os arranjos e compreensão dos casamentos, enfim, todas as relações sociais.

Essas manifestações não se resumem à cultura popular, visto que o erudito também se utiliza dessas mesmas formas para simbolizar e organizar a vida humana. Há, aqui,

como dito antes, um refinamento, que não surge apenas da espontaneidade, mas que há um ajuste por meio de filosofias e estudos antropológicos que direcionam e delimitam essas formas de simbolizar e organizar as manifestações.

A segregação de culturas não impede que estas se entrecruzem nos caminhos da simbologia e expressões da vida humana. Visto que converge para a evolução do homem, o transitar entre as linhas imaginárias de descrição do que é erudito e popular vai se alargando e afinando ao passo que o homem vai se amoldando no seu processo evolutivo.

A cultura erudita produz (idéias, crenças, saberes, artes, tecnologias, artefatos) que se tornam populares, que se folclorizam. O popular que alguns séculos antes terá sido fração de uma realidade restrita, cultura de intelectuais, de novo torna-se erudito, restrito, próprio às classes dominantes. Danças camponesas viajam para a cidade, passam do “populacho” aos salões quando autores letrados as descobrem e “civilizam” voltam ao “populacho”, retornam ao mundo camponês. O folclore aproxima-se de litúrgicos, funde-se com ele. Mais adiante por razões de conflitos entre agentes oficiais e populares, ou por causa do eterno empenho de os primeiros dominarem a pessoa e a vida dos segundos, separam-se. Mas um deixa no outro as suas marcas (BRANDÃO apud CHAVES, 2011, p. 25).

A cultura como sendo símbolo que dá significado à vida humana, se transforma tal qual a evolução do homem, se adapta às diferentes formas de o homem expressar sua forma de ver e viver a vida. Tassinari (apud CARVALHO 2009, p. 22) destaca que:

A cultura não é definida mais como um conjunto fixo de costumes, artefatos e crenças que pode ser armazenado ou resguardado em museus ou livros, independentemente das pessoas. Cada pessoa tem maneiras próprias de interpretar sua tradição e tem traços pessoais que imprime às formas de agir e aos objetos que produz.

Nesse sentido, as Folias de Reis são formas de manifestações culturais que foram se modificando e remodelando de acordo com as significações dadas a certo povo de determinado local. Há, em cada lugar, diferentes maneiras de se celebrar as Folias de Reis, justamente porque a cultura encontra o seu verdadeiro significado no seio de um povo que vive, portanto, cria e recria transformando e evoluindo suas condutas, o seu olhar sobre a vida e remodelando sua maneira de se expressar como ser humano, capaz de raciocinar e de transformar o mundo à sua volta. Portanto, a cultura, entendida como formas de

expressão de um povo, não se estagna, mas se transforma conforme o homem evolui a sua conduta e se adéqua conforme os lugares e as diferentes formas das pessoas experienciar a vida.

Origem das Folias de Reis

A festa da Folia de Reis é um cortejo que se realiza pelas ruas da cidade, praças, casas das pessoas e, principalmente, pelo campo. São realizadas em vários estados do Brasil, no período que vai do dia 25 de dezembro até o dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis. É de cunho religioso, pois surge da celebração do nascimento do menino Jesus que fora visitado pelos três reis magos. É obscura a origem desse festejo, mas alguns autores concordam que surgiu na Ibérica, sobretudo dizem ter surgido na Europa. Segundo Borba (apud CARVALHO 2009, p. 14)

A primeira dança chamada de Folia compunha-se de oito homens vestidos à portuguesa, com gaitas e pandeiros, acordes e com guizos nos artelhos, que pulavam à roda de um tambor, cantando na sua língua cantigas de folgar [...] Bemmerecia a tal dança o nome de Folia, porque volteavam com lenços, fazendo ademanos uns para os outros, como quem se congratulava da vinda do Legado, para o qual constantemente se voltavam.

A Folia de Reis chegou ao Brasil pelos portugueses durante o processo de colonização, de cunho mais religioso que profano, era uma dança paralitúrgica. Padre Serafim Leite (1956 apud CARVALHO, 2009, p. 14-15) *“faz uma menção indireta à Folia datada de 1549, quando o jesuíta Manuel da Nóbrega, recém-chegado ao Brasil, relata sobre uma procissão de Corpus Christi ‘mui solene’, presenciando aí ‘danças e invenções à maneira de Portugal’”*. A essas danças foram incorporando outras que foram constituindo os folguedos das Folias de santos Reis. Segundo Moreyra (apud CARVALHO, 2009, p. 15):

Apesar do controle posteriormente exercido sobre os excessos dramáticos das procissões, o relacionamento Folia/cortejo permaneceu, ou melhor, talvez tenha permanecido a idéia de procissão *com* Folia. Daí, possivelmente, a denominação Folia aos cortejos religiosos populares das

festas de Reis, do Divino e dos Santos –embora não mais *com* Folia.

Portanto, as Folias de santos Reis, no Brasil, têm origem no catolicismo com os costumes e as práticas religiosas feitas por meio de procissões, de fazer proximidade entre as expressões de fé e as experiências vividas pelo povo. Nas procissões de cunho significativo, representando a caminhada do povo pela passagem da vida, introduziram as danças, também manifestações corporais, salientando poder louvar ao Deus Criador da vida com a mente, por meio das orações e práticas da caridade, mas também com o corpo, templo do Espírito Santo.

De acordo com Cascudo (apud CHAVES, 2001), os jesuítas, na catequização dos nativos, usavam uma linguagem teatral, através da música, da dança, realizadas por crianças para incutirem a religião. Mais tarde, essa forma teatral de evangelização foi tendendo para o lado profano e ganhando características que se afastavam dos costumes religiosos e dando origem, no Brasil, às Folias de santos Reis.

Os Três Reis Magos

Para melhor compreender a história dos três Reis Magos, é fundamental que se comece pelo nascimento do menino Jesus. As profecias de Isaías anunciavam que iria nascer um rei, um Messias. No tempo do rei Herodes, um anjo foi enviado a uma virgem da cidade de Nazaré, na Galileia. A virgem estava prometida em casamento a um homem chamado José, da descendência de Davi, geração da qual se anunciara que iria nascer o Messias. O anjo anunciou à virgem que ela fora escolhida para ser a mãe do Messias que o povo esperava e ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo.

Ao completar o período de gestação, Maria deu a luz na cidade de Belém, na Judeia. Narra o Evangelho de São Mateus que, conhecendo as profecias, os Magos do Oriente foram a Jerusalém para descobrirem onde tinha nascido o menino Jesus. “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos para prestar-lhe homenagem” (Mateus 2,2). A indagação provocou fúria ao rei Herodes, pois temia perder o seu reinado. Ele buscou informações a respeito do tempo exato que deveria

nascer o menino. Depois de ouvir o rei Herodes, os Magos partiram à procura do menino Jesus que acabara de nascer e, segundo o Evangelista S. Mateus, os Magos foram guiados pela estrela que viram no Oriente. Ao chegarem ao local em que estava o menino Jesus, os Magos *“ajoelharam-se diante dele e prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra”* (Mt, 2, 11).

O nome dos três Reis Magos eram Baltazar, do Continente Asiático; Gaspar, do Continente Africano e Melchior do Continente Europeu. De acordo com a tradição, esses três reis Magos que foram prestar homenagem ao menino Deus recém-nascido, representam toda a humanidade. Os presentes oferecidos a Jesus são carregados de significação. Pessoa e Félix (apud CARVALHO 2009, p. 19) descrevem os três Reis Magos da seguinte maneira:

Melquior, um velho de setenta anos, de cabelos brancos e longa barba [...] ofereceu ouro para o Senhor como um rei. O segundo, de nome Gaspar, jovem imberbe e de pele avermelhada [...] honrou-o como Deus com seu presente de incenso, oferenda digna de divindade. O terceiro, de pele negra e de barba cerrada, chamado [...] Baltazar com seu presente de mirra testemunhou o Filho do Homem que deveriam morrer.

Para a tradição, tudo assume formas significativas, de igual modo são os nomes dos três Reis Magos, que, de acordo com Cabús (apud CARVALHO 2009, p. 19):

Gaspar é “aquele que vai inspecionar”, Melquior significa “o Rei é minha luz” e Baltazar, “Deus manifesta o Rei”. O termo reis foi acrescentado aos nomes mais tarde – eles foram assim intitulados porque antigas profecias diziam que reis prestariam homenagens ao Messias.

Tendo os três Reis Magos prestado suas homenagens ao menino Deus que acabara de nascer, retornam às suas casas, mas, primeiramente, vão cantarolando e dançando pelas vilas, passando de casa em casa e anunciando o Messias que acabara de nascer, levando aos moradores a “Boa Notícia” do nascimento de Jesus. Muitos se juntaram a eles nessa alegria e no anúncio da “Boa Nova”. Surge daí a inspiração para as Folias de Reis, que cantam e dançam, passando pelas casas dos povos, sobretudo na zona rural, o que não é via de regra, a celebração nas casas também acontece na zona urbana. Passa nos domicílios para levar a alegria do nascimento de um Messias Salvador, aquele que nasce para

construir um novo reino, um reino em que os pobres são valorizados, um reino em que quem proclama e anuncia são os pastores, representantes do povo simples, do povo pobre, sem muita instrução. Um reino no qual quem anuncia e proclama são os Reis Magos, que tem a simplicidade de caminhar ao encontro desse menino para prestar-lhes homenagem reconhecendo a sua divindade.

É essa a alegria que os cantadores de reis carregam ao adentrar pelas casas e ruas cantando e dançando, anunciando que chegará um novo tempo, que é o momento de se alegrar, de renovar as esperanças, de celebrar cada criança que nasce, cada vida nova que surge, pois assim como brota do seio de uma mãe um ser vivo, um ser humano que se juntará à humanidade para compartilhar da beleza de experienciar viver nessa terra de tantos sabores e dissabores, amores e desamores, encantos e desencantos, brotou da descendência de Davi, nasceu de Maria, uma menina escolhida entre os mais pobres, entre os mais humildes, para ser a mãe daquele que veio para trazer esperança de salvação e redenção ao povo.

A celebração de Santos Reis começa nas festividades natalinas, pois representa o anúncio do menino Jesus que nasce. Cada lugar tem o seu jeito próprio de realizar o festejo. O interessante das Folias de Reis é que cada povo celebra a seu modo, fazendo relação da festa com a sua realidade, o seu contexto. É um folguedo que nasce do meio do povo, sem muita presunção, mas que é carregado de muita significação, é representativo de alegria e renovo. Ao descrever essa festividade, Hildegardes Vianna (apud CHAVES, 2011, p. 31) faz o seguinte relato:

Os que não entendem a significação dos ternos e ranchos de reis talvez achem forade propósito os grupos que bailam e catam nas noites de reis na Bahia e em outros estados brasileiros. Porém, os que conhecem as nossas tradições sabem que eles representam uma evocação da marcha dos Reis Magos, pastores e pastoras, rumo a Belém, em busca do Messias no seu humilde presépio.

A significação das Folias de reis é compreendida quando se conhece de fato a história do nascimento de Jesus e se sabe da homenagem prestada pelos Magos e o anúncio que eles fizeram. É preciso, também, conhecer a cultura do povo que se celebra, conhecer

um pouco da sua história para melhor entender das adaptações feitas na celebração das Folias de Reis. A beleza da festa de Reis nasce do povo, da alegria de dar significação à vida, sem muitas especulações, mas com um sabor que emana do seu interior, com a simplicidade que agrega a todos, sem discriminação, basta ter disposição e vontade de celebrar a vida, a alegria de ter nascido e poder viver.

Os Reisados, Diversidade Cultural e os Direitos Humanos

Tratamos, até aqui, da diversidade cultural como forma de expressão de um povo. Entendemos que a cultura é a forma de o povo se manifestar, se construir e se autoconstruir. Mas o que tem isso a ver com direitos humanos? De acordo com Flores (apud JUNIOR, 2015, p. 17),

do mesmo modo que não podemos separar os direitos sociais, econômicos e culturais dos direitos civis e políticos, tampouco devemos entender os direitos à margem das condições políticas e institucionais que sirvam para sua efetiva implementação e garantia. Para nós, é muito importante reivindicar a interconexão entre a igualdade e a liberdade: sem condições materiais de exercício será completamente impossível colocar em prática a liberdade. Mas, ao mesmo tempo, sem condições políticas e institucionais comprometidas com uma concepção positiva de liberdade, a consecução da igualdade se afasta como o horizonte. Cada vez que nos aproximamos dela, mais dificuldades encontramos para sua realização fática. Liberdade e igualdade são as duas caras da mesma moeda.

Direito e liberdade se entrecruzam. Não há como falar de um sem atravessar o outro. E a diversidade cultural não é outra coisa, senão a liberdade de expressão, pautada nas escolhas de vida, pautada nas formas de entendimento do que é o viver. Assim, quando trazemos para o contexto da diversidade cultural a concepção dos direitos humanos,

entendemos, como Flores, que não há a separação dos direitos, eles devem ser vistos e realizados de forma integral. Se segregar os Direitos Humanos, poderá estar garantido a um indivíduo ou a um povo, o direito a certa coisa e negando-lhe a outra. Nessa perspectiva não promulga a execução dos Direitos Humanos.

Toda e qualquer ciência, ao realizar pesquisa sobre qualquer área, precisa ter como crivo questões éticas, sociais e humanas, que engloba toda a existência do ser humano, pois tudo o que é feito, projetado e idealizado, pauta-se em questões como a valorização e o respeito ao ser humano em primeiríssimo lugar, pois este é o centro e a razão de pesquisas. Vemos com Junior e Souza (2015, p.03) que *“as ciências humanas são, portanto, um campo de conhecimento construído na perspectiva da dimensão complexa do humano”*. Essa complexidade abrange questões psicológicas, sociológicas e afetivas. As diferentes formas de expressões culturais surgem dessas complexidades para o plano físico e concreto, como possibilidade de tornar tocável aquilo que representa a razão de crer e significar a vida.

O processo do tornar-se humano compreende a garantia e a execução dos direitos no âmbito da vida de forma completa. O ser humano se faz de modo integral, os direitos devem ser compreendidos assim para atender de maneira incondicional e absoluta às necessidades, razões e expressões desse ser.

AÇÕES INTERVENTIVAS – MÉTODO

Delineamento

O trabalho desenvolvido tomou forma como uma pesquisa qualitativa, pois esse método pode melhor enfatizar as especificidades dos fenômenos, de forma a discorrer sobre os fatos com maior riqueza de detalhes e veracidade dos acontecimentos. Por meio dessa metodologia, os entrevistados têm a possibilidade de discorrer sobre o tema com maior liberdade, indo e voltando em suas lembranças e deixando-se transparecer por meio das palavras, olhares e gestos. Todos esses subjuntivos precisam ser interpretados pelo entrevistador e deixar que eles falem por meio de vozes que se formam com a expressão corporal. Um sorriso, uma lágrima, um aperto de mão, trazem significações que o interessado deve estar ligado para enriquecer a pesquisa.

Participantes e Entrevistas

Para a efetivação do trabalho, foi realizada uma entrevista aberta com moradores de Canabrava, que compunha grupos diferentes dos cantadores de reis. As pessoas foram escolhidas para a realização das entrevistas devido à sua importância e ligação com os reisados da localidade. Foram entrevistados líder de grupo de cantadores de reis, pessoas que integravam o grupo, mas não tinha a função de liderar e pessoas que somente acompanhavam os reisados. Essa diversificação dos participantes da pesquisa torna possível compreender a história dos reisados em Canabrava, analisando as diferentes posturas dos componentes das Folias.

Durante o encontro, os entrevistados eram convidados a contar, de forma livre, a história dos reisados, ressaltando como era realizado e externando todos os detalhes das Folias. Era uma entrevista aberta, em que a pesquisadora pouco intervia. Somente quando o depoente encerrava sua fala, a pesquisadora acrescentava algo que pudesse

complementar o trabalho.

Todas as entrevistas foram realizadas nas casas dos participantes. Numa primeira visita, a estudante apresentava o tema de sua pesquisa e a razão da escolha da pessoa para a entrevista. Em seguida, marcava-se nova data para uma conversa sobre a história dos reisados e a participação da pessoa nessas Folias.

As pessoas que deram entrevistas foram: Florinda Maria de Souza e Maria Edna Pereira Belém, as duas integrantes de um mesmo grupo dos cantadores das Folias de Reis, a primeira era líder. Helena Rosa de Jesus, acompanhante de um grupo. Heremita e Miraci Rodrigues Santos, integrantes de outro grupo. Durante a entrevista, as pessoas contavam como eram formados os grupos, como realizavam as Folias, relatavam suas experiências como cantadores dos reisados. Foi comum, durante a conversa, deixarem transparecer suas emoções, demonstrando um sentimento de saudade. Demonstravam também que as Folias faziam parte de suas vidas.

Todas as entrevistas foram gravadas com o telefone celular, para posteriormente a pesquisadora ouvir quantas vezes fossem necessárias e transcrever para o trabalho.

As informações históricas sobre a localidade Canabrava foram conseguidas por meio de conversas com moradores e por meio da leitura de uma pesquisa monográfica realizada anteriormente por estudantes do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Malhada, no ano de 2002.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO: UM POUCO DE HISTÓRIA...

Canabrava é um distrito da cidade de Malhada. Seus primeiros moradores chegaram nessas terras em 2 de outubro de 1923. Migraram de um lugarejo chamado Solidão, situado no município de Riacho de Santana. Foram eles: Filintro Gonçalves de Oliveira, Salustriano Alves de Oliveira e Jacinto Francisco de Oliveira. Os três homens vieram com suas famílias na esperança de melhores condições de vida e de encontrar terras para o cultivo e provimento do sustento de suas famílias. O lugar onde se fixaram primeiramente, onde montaram acampamento, era repleto da planta Canabrava, que referenciava o local da sua moradia. Daí originou-se o nome da localidade.

As casas eram construídas com madeiras, cascas de árvores e barro, chamadas de casas de pau a pique. Quando alguém adoecia, os remédios caseiros eram a fonte de cura, quando fosse algo muito grave, era levado a cavalo para Malhada, sede do município.

O lazer dos moradores era construído por meio de brincadeiras de rodas e festas nas casas de algumas pessoas. Nas festas, usavam como instrumentos musicais a sanfona, a zabumba e a vitrola.

A economia local era a agricultura e agropecuária. Plantava-se feijão, mandioca, milho, algodão, dentre outros. Inicialmente, não existia o comércio, cultivava para a alimentação, como o arroz, o feijão, a mandioca para fazer a farinha, o milho para comer e fazer derivados. Sobrevivia também do leite de vaca. Os alimentos que precisavam ser industrializados, tais como o café, o sal e demais, eram comprados em Malhada ou então na Barra, localidade beira rio, que recebiam os alimentos de uma cidade mineira próxima.

Os primeiros vereadores, o Sr. Luiz José da Costa e o Sr. Deoclides Alves de Oliveira, no período de 1962 a 1967, conseguiram algumas benfeitorias, tais como a merenda escolar e um poço artesiano.

A primeira igreja a ser construída foi a católica, no ano de 1959, por esforço dos moradores. Antes da construção da igreja, as celebrações das Santas Missas, realizadas por padres que vinham de outras cidades, eram feitas embaixo de árvores. Lá aconteciam batizados e casamentos. A primeira missa foi celebrada por um padre da cidade de Carinhanha, em 1943. Era comum realizar as rezas nas casas dos moradores. Essas rezas eram acompanhadas de leilões e reis. Percebe-se que os reisados adentraram nessa localidade desde muito cedo.

Os casamentos eram realizados de forma coletiva. Devido às dificuldades para realizar um casamento civil, muitos optavam pela celebração matrimonial religiosa. Assim, quando vinham os padres celebrar missas faziam a celebração dos vários casamentos. As madrinhas da noiva eram as responsáveis para “arrumá-la”. Ao sair da igreja, os noivos eram acompanhados por um sanfoneiro tocando e um cortejo dos convidados para a festa, cantando a seguinte melodia:

A noiva saiu da igreja
Que alegria seu pai e sua mãe tem
Vamos todos cantar pra vocês
Parabéns! Parabéns! Parabéns!

Chegando em casa, os recém-casados ajoelhavam-se na porta de entrada, do lado de fora. Os pais ajoelhavam-se na porta, do lado de dentro, para dar a bênção. Ambos, noivos e pais, ajoelhavam-se em cima de uma toalha de banho, de cor branca e nova. Em seguida, era servida a janta, o sanfoneiro fazia a festa e o povo dançava a noite toda.

Algum tempo depois, já existindo o comércio na localidade, tinha-se o dia de feira. Vinham pessoas de várias outras cidades comercializarem produtos alimentícios, de limpeza, roupas, calçados, utensílios de cozinha, dentre tantos outros. Era um dia de muito movimento, de compra e venda de mercadoria. O pessoal que morava na roça vinha à feira fazer compras para o sustento da semana, bem como pessoas que moravam na localidade também faziam suas compras na feira.

O cultivo do algodão era uma fonte rentável, a localidade era referência regional no

plântio de algodão. Este ficou conhecido como o “ouro branco” devido à sua fonte de lucro. Entretanto, a maior parte do algodão colhido era levado para a cidade de Guanambi, situada a 130 km de Canabrava, toda a riqueza algodoeira era empregada nessa cidade. Os proprietários das grandes fazendas levavam e vendiam o algodão em Guanambi e lá investiam o dinheiro, devido ser esta uma cidade já em desenvolvimento muito mais progressivo que Canabrava. Para a colheita, os fazendeiros recrutavam pessoas de várias cidades limítrofes e outras mais. Durante a semana, os migrantes permaneciam nas fazendas, no domingo vinham participar das feiras.

As primeiras aulas foram dadas na casa do professor João José dos Santos, e eram efetivadas de oito em oito dias. Os alunos precisavam pagar uma taxa para participar das aulas. Para ser professor, precisava apenas ter concluído o Ensino Fundamental I. Posteriormente, precisava-se o Ensino Fundamental completo, e assim sucessivamente foi se transformando o processo de ensino/aprendizagem na localidade.

Aos poucos, Canabrava foi crescendo. Construindo escolas, posto de saúde, pavimentando ruas. Apareceram bares, comércio, foi se modernizando. A primeira instituição do Ensino Fundamental II foi criada no ano de 1987, com o nome de Colégio São Sebastião. No dia 09 de março de 1987, ficou marcado como o primeiro dia de aula do Ensino Fundamental II no Colégio São Sebastião. No dia 31 de dezembro de 1990, foi realizada a primeira formatura do primeiro grau da instituição referida e também a primeira nessa localidade. Em 1991, foi fundada a primeira escola de curso técnico profissionalizante – o curso Técnico em Agropecuária. No dia 22 de janeiro de 1994, realizou-se em Canabrava a primeira formatura do curso Técnico em Agropecuária do Colégio São Sebastião.

Atualmente, a localidade de Canabrava é um Distrito de aproximadamente 300 Km² de extensão geográfica, com cerca de quatro mil habitantes aproximadamente. Pertence ao município de Malhada, uma cidade ribeirinha no Sudoeste Baiano. A economia continua sendo baseada na agricultura e agropecuária, apesar de se ter diminuído consideravelmente a produção, devido às secas e às pragas nas culturas. A fonte maior de empregos fixos, com rendas mensais é a prefeitura municipal, aposentadorias e pensões. Há também os

comércios que são fontes de trabalho.

Há um grande número de jovens, sobretudo do sexo masculino, que vão para outros estados em busca de trabalho. O estado campeão é São Paulo, entretanto, Minas Gerais e Brasília também recebem muitos jovens dessa localidade.

Na saúde, tem-se o posto de saúde com médico, enfermeiro e dentista diariamente. A fonte de lazer se firma em barzinhos, festas em praças públicas, costume marcante da realização de blocos de camisetas. Outras inovações tecnológicas adentram o universo das pessoas possibilitando o acesso às informações de forma rápida e atualizada.

Reisados em Canabrava: História e Memória

Abra a porta morador
Oh! Deixa o Reis entrar
Os reiseiros são de longe
Tem muito que andar.

Seca, seca laranjeira
Onde o lírio põe a flor
Onde o passarinho canta
A aleluia do Senhor.

O reiseiro de Maria
Foi feito Jesus além.
Ele reza e oferece
Para todo o sempre. Amém!

As Folias de Reis em Canabrava têm sua origem nas tradições familiares. Os cantadores de reis continuaram a tradição que os pais deixaram. Os grupos de cantadores são comumente formados por pais, filhos, irmãos, tios. Os mais novos foram aprendendo com os mais velhos e continuando a tradição.

O grupo da família Souza teve maior destaque pelo seu entusiasmo e persistência, mas existiam outros que também realizavam a Folia. Nenhum grupo tinha um nome específico que o caracterizava, era comumente conhecido pelo nome do seu líder, ou como

chamado por eles, pelo nome do "frenteiro". O grupo da família Souza era conhecido como "o reis de Bubu". Bubu é o apelido da Sr^a. Florinda Maria de Souza, "frenteira". Era formado por 13 componentes: Florinda Maria de Souza, Natalina Pereira de Oliveira, Maria Edna Pereira Belém, Maria Lurdes de Souza, Silvani Souza Mouraria, Darli José de Souza, Anita Maria de Souza, Florindo José de Souza, Derlinda Belém de Oliveira, Maciano Gonçalves de Oliveira, Leonildo Rodrigues Belém, Mariuza e Gracinha.

Outro, que também realizava os folguedos nas Folias de Reis em Canabrava era o grupo do Sr. Guilhermino, formado por sete componentes: Guilhermino Porto, Adão Rodrigues Porto, Manoel Rodrigues Porto, João porto, Feliciano, Valdivino e Larange.

Esses eram os componentes oficiais, mas existiam muitas pessoas que acompanhavam a Folia de Reis. A turma reunia na residência do líder e saía para fazer os folguedos passando de casa em casa. Esses folguedos eram realizados dentro das residências dos moradores. Chegavam à porta e começavam a cantar o "Reis de Chegada", se o dono da casa aceitasse a Folia, abria a porta e os cantadores entravam para continuar dentro de casa. A missão de cantar era dos grupos, entretanto muitas pessoas que gostavam dos reisados, ao receberem a visita dos cantadores de reis, eram convidadas a seguirem acompanhando. Dessa forma, durante a caminhada, iam adentrando pessoas e a Folia ia ficando cheia de gente que entravam no meio dos festejos para, junto com o grupo cantador, compor as celebrações dos santos Reis. A Sr^a. Helena, acompanhante das Folias de Reis, quando indagada se tinha muita gente presente, faz o seguinte relato:

Dava moça, muita gente. Cê pensa, tinha Reis assim que a gente tava cantando, que era quase assim como uma festa de casamento hoje. Ajuntava o pessoal de Curralinho, até de Malhada vinha, Pedrinhas, esse pessoal tudo vinha e era muita gente, cachoeira, Cascalho, Rio Verde e era muita gente.

O grupo da D. Maria já não existe mais, ela é falecida e os componentes estão espalhados por outras localidades. A grande maioria dos membros dessa turma já são falecidos. Os familiares, os filhos mais novos não quiseram seguir com a tradição. Por esse motivo o grupo de reis de D. Maria acabou bem mais cedo que os outros. A Sr^a. Maria Edna Pereira Belém, filha de D. Maria e nora da Sr^a. Florinda Maria de Souza,

acompanhava o pessoal da família Souza, “o reis de Bubu”.

A maioria dos grupos começava a caminhada de celebração das Folias dos Santos Reis no dia 25 de dezembro. O pessoal do Sr, Guilhermino começava no dia primeiro de janeiro. O encerramento era no dia seis de janeiro, dia de Santos Reis. O grupo da família Souza, tradicionalmente conhecido como “o reis de Bubu”, reunia na casa dela e saía de lá para percorrer o seguinte trajeto:

- Alto Bonito;
- Barreiro Grande;
- Fazenda Benedito - (Local desapropriado pelo governo e atualmente assentamento da reforma agrária, denominado Assentamento Bela Vista);
- Riachão;
- Rio Verde;
- Cavera;
- Serra do Justino;
- Serra de João Alves.

Cada lugar apresentado é uma comunidade distante da outra e os cantadores de reis iam a pé. Antes de começar a caminhada eles determinavam o trajeto a ser percorrido. Saíam sempre por volta das sete horas da noite e não tinha hora para encerrar. Ao amanhecer do dia dormiam por um curto espaço de tempo para logo depois continuar o percurso. Todo o trajeto era realizado a pé, as pessoas caminhavam de uma casa para outra, de um lugar para outro.

O meio de transporte mais comum na época, era o cavalo, mas nem todos tinham, então iam caminhando pelas estradas, carregando os instrumentos e a voz, que junto com as palmas e a alegria, formavam os elementos principais nas Folias de Reis. Nos relatos, os entrevistados disseram que não havia cansaço, a euforia e a força de vontade tomavam

conta do corpo físico e todos andavam contentes. Percebe-se na exultação das pessoas, ao relatar isso, que a vida simples era enriquecida pela convivência e pela naturalidade em enfrentar com bravura e alegria as dificuldades. Diziam que iam pelas estradas conversando e sorrindo. Esse era também um momento de aproximação entre os componentes, era ocasião para estreitar ainda mais os laços de amizade, pois partilhavam sobre a vida, contavam histórias e se tornavam ainda mais próximos.

O grupo do Sr. Guilhermino se reunia na casa do Sr. Adão Rodrigues Porto, o seu filho, de lá começavam o trajeto. É interessante ressaltar que esse grupo era formado apenas por homens, com o passar dos tempos as filhas do Sr. Adão, as quais acompanhavam os folguedos, tornaram-se integrantes do grupo.

Durante a entrevista com a Sr^a. Florinda foi possível entender que, anteriormente, na época do seu pai, esse grupo era também formado por homens. Quando indagada se a mãe dela acompanhava o esposo nas Folias de Reis, ela respondeu que a mãe era para ficar em casa e cuidar das coisas, fazer os preparativos para a celebração final.

A Folia de Reis saía dos domicílios em que se reuniam e passavam de casa em casa para entrar e cantar. Primeiramente, cantava fora da residência, os moradores não podiam sair. Se percebessem que os cantadores estivessem vindo, deveriam permanecer com a porta fechada, se a porta estivesse aberta, fechava-a e ficavam todos quietos. Tinha a hora certa de abrir a porta.

Ao término do “reis de chegada”, os moradores abriam as portas e o povo entrava para cantar dentro de casa. Ao se aproximar das habitações, ninguém conversava para os moradores não perceberem a chegada. Quando era tarde da noite, muitos já estavam dormindo, o interessante era que acordassem com a música e não com as conversas. Todos se aproximavam da porta de entrada da casa em silêncio e começavam o “reis” que se canta fora de casa, esperando que os moradores acordassem ou se já estivessem acordados, que abrissem a porta.

Interessantíssimo esse ritual. A música era o convite para os moradores aceitarem os Reis, que chegam trazendo o anúncio da boa nova, anunciando que o menino Jesus

nasceu na gruta de Belém, que é tempo de alegria, é tempo de renovo, é tempo de festejar. As pessoas ao permanecerem com as portas fechadas, fazem parte de um teatro, onde todos são atores. Os Reis Magos, representados pelos cantadores, chegam para dar a notícia e os moradores permanecem como se nada soubessem. O grupo dos cantadores de Reis não avisa aos moradores que vão passar nas casas, chegam de surpresa, é como se ficaram sabendo da boa nova do nascimento do menino Jesus e foram levar a notícia aos que ainda não sabiam. Por isso nas Folias de Reis a alegria não pode faltar, é a celebração de um tempo novo que há de chegar, se celebra a vida nova que vem vindo.

Perguntados se tinham pessoas que não abriam as portas, todos os entrevistados responderam que existiam, mas eram poucos. A Sr^a. Maria Edna disse: *“Nois passava somente na casa dos católicos, porque os crentes não gostam, mas tinha pessoas que só queria o Reis e não queria o samba, aí nois só cantava o Reis”*. A esse respeito, a Sr^a. Helena disse:

Ninguém fugia do Reis porque não pode. Eu acho que não é uma coisa certa, porque tudo pertence a Deus. Jesus quando andou no mundo, a São Pedro disse assim: quem não quer pobre em sua casa, nem tampouco quer a mim.

A religiosidade era o pano de fundo dos festejos de Santos Reis. Essa tradição era baseada na ação dos três Reis Magos. A Sr^a. Maria Edna relata que somente os católicos aceitam a tradição e reconhecem nos cantadores de reis a representação dos três Reis Magos. A religiosidade é fortíssima nesses folguedos, apesar de se ter secularizado com o tempo.

Quando as Folias de reis passavam nas residências, era comum, no final, os donos das casas oferecerem algo, podia ser dinheiro, comida, bebida, serviam café com bolacha, bolo, biscoito... Alguns davam galinha, ovo, o que tivessem, tudo era guardado para o festejo no último dia. Nessa oportunidade, preparavam uma celebração na casa dos líderes e, depois das rezas, das cantorias, serviam comidas, lanches, bebidas, o que fosse possível. Dentro do grupo escolhia-se uma pessoa para ser o responsável por carregar os donativos, tudo o que recebiam era entregue ao responsável e ele se incumbia da tarefa de carregar e

entregar ao líder do grupo. No grupo do Sr. Guilhermino não tinha uma pessoa específica para isso. No grupo da Sr^a. Florinda o responsável por carregar os donativos era seu filho, Darli José de Souza. A celebração da reza era na casa dela e em cada casa que passavam convidavam os moradores para a celebração de reis, no dia seis de janeiro. Algumas vezes essa data era adiada por conta do cansaço dos cantadores. Nesse caso, avisavam a todos o dia e horário recombinação, mas não deixavam de fazer a celebração.

Percebe-se que os grupos, mesmo fazendo parte de uma localidade pequena, possuíam uma característica própria, cada um adaptava a Folia às suas condições de festejar. A riqueza dessas manifestações que nasce do povo, está na possibilidade de adequação às necessidades e vontade das pessoas. Não é o povo que se submete às Falias, mas as Falias que se amoldam ao jeito de cada povo ver e compreender a vida. A maioria dos festejos se começam a cantar os Reis no dia 25 de dezembro, mas há quem comece no dia primeiro de janeiro. Alguns realizavam a reza de encerramento como ritual dos festejos agradecendo aos Santos Reis pela caminhada, entretanto, havia grupo que não realizava essa devoção. Assim, todos, de forma individual e ao mesmo tempo coletiva, constroem a identidade e as manifestações culturais passam a realmente dar significação à vida de cada povo, aqui podendo dizer de cada grupo de cantadores de Reis, de cada povoado que cantavam e que abriam as portas de suas casas para os cantadores.

Diante da especificidade de cada grupo, existia muita coisa em comum, entre essas, o fato de cantarem nas casas das pessoas, de chegarem devagarinho e saudarem os moradores com a música de reis, esperarem que eles abrissem a porta para continuarem dentro da moradia. É interessante dizer que nesses festejos, também cantavam sambas, chulas. Primeiro era cantado os cantos dos reis, chamados por eles apenas de “o reis”, em seguida, já dentro da casa, fazia-se um samba.

A beleza dessas Falias era que encantava o povo, era uma festa de gente simples e que encontrava nos folguedos a fonte de lazer. Muitos relatam que sentem saudade por ser o lazer vivido na época e que hoje não mais participa de nada. A Sr^a. Helena conta:

Eu sinto muita saudade, era o tempo que eu me sentia bem, sentia feliz, era o tempo assim, que as vezes tinha aquele contato com as pessoas

idosas, que mostrava desejar o bem pra gente. Era as pessoas que agente olhava olho com olho e sentia amor, hoje também agente sente, mas vou dizer que os velhinhos faz falta de mais, (rssrrs) ai, ai. As pessoas que olhavam olho com olho, cara com cara e sentia que queria alguma coisa de bom pra gente. Tudo que você queria aquelas pessoas também queria. Qualquer coisa que você fazia era engraçado ali naquele movimento. Não tinha nada de dificuldade, nem dizia, ah eu to cansado, ah eu to com pressa, não, se você fosse cantar você podia cantar até a noite toda se você quisesse. Não tinha pressa não e todo mundo era uma coisa só. As coisas mudou de mais. Não é porque eu quero falar com a mudança, não, tem nada a ver, porque a mudança essa é certeza que vem porque nois já tamo velhos não vamo sair nada quais, os novo é que tem que romper, mas agente que era mais de idade, assim, agente acha muito istranho.

Ao relatar sobre a saudade, a Sr^a. Helena expressa com tanta verdade seu sentimento e emoção ao relembrar da simplicidade do povo na Zona Rural, viviam uma união, onde todos queriam o bem de todos. A saudade experimentada pelos cantadores não se resume nas músicas e danças, mas, parte do interior, de como as pessoas externavam a vida, de como cada um encontrava tempo e alegria para celebrar juntos o jeito de viver e compreender a vida. O valor dado às pessoas, a amizade e verdade, era, segundo a Sr^a. Helena, mais significativa para o povo anteriormente do que é agora.

A tradição de sair cantando nas casas das pessoas no período de 25 de dezembro a seis de janeiro já acabou, muitos morreram, outros casaram e mudaram, os que ficaram não quiseram continuar. Alguns levaram consigo a tradição, como é o caso do Sr. Adão do grupo do Sr. Guilhermino, mudando-se para uma cidade de Minas Gérias, lá continua com sua família a realizar “o Reis”, entretanto, não há informações se realiza também nas casas dos moradores ou se restringe à sua família.

Entrevistar essas pessoas foi como oferecer a elas um momento de nostalgia, recordar as Folias de Reis, a forma como eram realizadas. Poder voltar no tempo e relembrar as suas manifestações, ressaltando na entrevista, o que para eles se configura como algo importante e valoroso, transmitir para uma pessoa mais nova que estava interessada em conhecer sobre os folguedos, que queria ouvir da boca deles as histórias dos reisados, era gratificante, como se tudo o que fizeram tivesse agora ganhado notabilidade, como se alguém olhasse e visse algo valoroso. Ao relatarem suas experiências, as pessoas brilhavam os olhos e iam resgatando da memória algo que para elas era extraordinário, no

desejo de ser também admirável para a pesquisadora.

Isso é história, isso é memória, isso é identificação, é vida. Por isso, pesquisar sobre os reisados em Canabrava é rememorar uma cultura que por muito tempo representava a vida de um povo, sua forma de festejar, de manifestar suas alegrias, suas crenças, sua forma de dançar. Em conversa com os cantadores, percebe-se que na memória, estão vivas as lembranças dos reisados, como representação de uma vida. Muitos disseram que esperavam por esse momento do ano, que era tempo de alegria. Por isso essa significação dada às Folias de Reis pelos seus cantadores compõe a historicidade de Canabrava e, principalmente, é a representação dos costumes, uma possibilidade de tornar concreto e simbolizado as crenças, as alegrias.

Ao adentrar nas casas das pessoas com os festejos, os cantadores eram recebidos com comidas, com café e, principalmente, com alegria. A Sr^a. Miraci Rodrigues Santos relatou que, muitos donos das casas caíam na Folia, já na hora de ir embora é que paravam e lembravam de fazer um cafezinho ou alguma coisa. Acontecia até de não esperarem, porque queriam logo seguir em frente e, como o cafezinho nas outras casas também era certo, seguiam.

Quando iam para outra localidade, procuravam por entre os seus moradores, alguém para preparar o almoço, a janta, algumas vezes dormiam na casa de pessoas que moravam por lá. Os cantadores dos reisados da Sr^a. Florinda, contam que muitas pessoas matavam porcos, preparavam um banquete para receberem os cantadores de reis. A presença dos “reiseiros” era motivo de festa, por isso mereciam um banquete.

No “Reis de Bubu” tinha uma organização definida, delegando responsabilidade aos integrantes. Já foi relatado que a Sr^a. Florinda coordenava o grupo, ela agia junto com sua irmã Sr^a. Natalina Pereira de Oliveira, já falecida, da qual fala com muita emoção. As duas lideravam o grupo e tomavam as decisões, lideravam as cantorias e as danças. A Sr^a. Natalina, era responsável também para comprar lanches com o dinheiro que ganhavam, caso faltasse para os cantadores do grupo durante a caminhada. Ao falar da irmã, a Sr^a. Florinda diz: *“era ela quem tirava os reis, com uma voz tão linda! Nós duas era como esses cantores, uma com uma voz mais fina e outra mais grossa.”* A emoção toma conta da

Sr^a. Florinda ao falar de sua irmã, durante toda a entrevista ela relembrava e dizia ser sua companheira maior.

O Sr. Maciano Gonçalves Oliveira era responsável para garantir a segurança do grupo. Cuidava para não haver confusão. Se alguém por malandragem ou qualquer coisa começasse qualquer desordem o Sr. Maciano expulsava. A Sr^a. Florinda ressalta que ele era forte e todos o respeitavam. Se começasse alguma desavença ele conversava, se não parassem era colocado para voltar, pois “o reis” era coisa séria e tinha que respeitar.

Como os festejos duravam cerca de 12 a 13 dias e cantavam a noite inteira, alguns grupos, paravam para descansar por um pequeno espaço de tempo. Indagada sobre a situação da garganta, como ficava, se não havia problema, a Sr^a. Edna nos disse que a mãe dela colocava para beber ovo cru de galinha, para melhorar a garganta, sarar a rouquidão e poder continuar o percurso com a voz boa. Era comum também comerem alho “machucado” com sal, tudo isso para conservar a voz e não interromper a Folia.

Entrevistando pessoas que acompanhavam o grupo do Sr. Guilhermino, indagando sobre o cansaço, Miraci disse:

Hum, nem sentia o cansaço, igual hoje se formar uma turminha aí pra sair, não cansa não, nem percebe. No outro dia é que vai sentir o cansaço, mais no dia mesmo... No dia que foi para o Riacho Secotodo mundo chegou sem voz e não percebeu, no outro dia é que ninguém sabia o que falava. (...) então é assim que... Fica roco, mas vai indo acostuma. (...) era tudo a base do ramo, o veiGuilé benzia todo mundo, todo mundo ficava bom de noite, não sei se era a fé. Todo mundo que tava assim roco ele benzia e todo mundo tava bom de noite. Se tivesse com a perna inchada que andou muito, ele benzia, sarava, falava: benzer de inzipa, senta aí, arranjava uma brasa de fogo colocava la de junto, benzia, murchava que era uma beleza, cê nem sentia que cê tinha inchado nada. (...) colocava a brasa na colher e benzia passando a brasa em cima na colher, dizendo ele que era curando a inzipa.

Percebe-se que cada grupo tinha o seu jeito próprio de enfrentar o cansaço, a rouquidão, assim como os demais problemas que apareciam. Esses empecilhos, entretanto, não eram motivos para interromper a caminhada, pois o gosto pelos folguedos, a vontade de ir até o fim do percurso era maior que as dificuldades encontradas. Com um jeito próprio, cada grupo realizava as artimanhas necessárias para vencer os obstáculos. Uns

buscavam soluções nas crendices populares, outros em alimentos. A euforia, o entusiasmo comandava o corpo e assim as Folias de Reis não paravam.

Como era mais de um grupo, acontecia por vezes, o encontro entre os cantadores de Reis, então a festa era em dobro. Relata a Sr^a. Miraci, sobrinha do Sr. Adão, integrante do grupo do Sr. Guilhermino:

Tinha um vei que chamava Augustinho que morava do outro lado daponte, ele tinha a turma dele e meu tio tinha a dele, aí ele fazia um total de casa pra um lado e meu tio pra outro, aí na última casa encontrava todo mundo. Aí trocava de pá pra sambar, trocava de instrumento pra tocar. Depois no final eles jogava verso um pro outro.

Algumas vezes, os grupos combinavam o encontro em algum local. Nesse encontro cantavam reis, samba, chula, dançavam e sambavam muito. Cada grupo tinha a oportunidade de mostrar a sua especificidade na forma de ver, compreender e celebrar as Folias de Reis. A Sr^a. Florinda conta que quando um grupo encontrava com o outro cantava a noite inteira.

Muitos foram os motivos pelos quais alguns grupos acabaram, outros, mesmo ainda fazendo apresentações, como é o caso do grupo da Sr^a. Florinda, não é mais como antes, como foi narrado pelos entrevistados. Não há mais a tradição de cantar “o Reis” nas casas das pessoas, como se faziam, saindo de casa em casa. Quando se faz algum “Reis” hoje, é somente em uma casa específica, quando o dono da casa, por devoção ou tradição, resolve fazer uma reza e convida os reiseiros para cantar as músicas de Reis, cantar e dançar samba e chula. Mas essa celebração fica restrita à casa da pessoa que pediu.

Perdeu-se o costume de passar por todas as habitações. Muitos esclarecem diferentes motivos. No grupo da Sr^a. Florinda, ela diz que a morte da sua irmã Natalina, sua companheira na liderança do grupo, fez com que ela e os demais fossem desanimando, e também ressalta que as pessoas de hoje não são mais como antigamente, que respeitavam e valorizavam os Reis. Pessoas de outros grupos relatam que a morte de alguns companheiros, como foi também no “Reis de Bubu”, e a mudança de alguns integrantes

para outras cidades, desmotivaram os componentes. A Sr^a. Florinda esclarece que mesmo assim, se alguém chamar, ela vai fazer a Folia, ou se ela chamar qualquer pessoa que participava dos reisados, vão todos para cantar em sua casa.

A tradição ainda permanece viva na memória e na saudade dos que integravam os grupos dos cantadores de Reis. Com tantos motivos explicitados sobre o enfraquecimento dessa tradição, cabe trazer novamente a fala da Sr^a. Helena “*a mudança essa é certeza que vem*”. Qualquer mudança precisa dar espaço para as manifestações do povo, precisa abrir espaço à diversidade, para que todos tenham oportunidade de manifestar sua maneira de ver e significar a vida. Principalmente, aquilo que foi e que é cultura de uma sociedade, não pode passar por despercebido, pois esta compõe as raízes, o alicerce para a sociedade atual que prevalece. O que é contemporâneo, tornar-se-a antiguidade algum dia. O que faz parte do passado precisa encontrar-se com o presente para fundamentar e dar significação às construções, inovações, invenções, novidades globalizadas, sistematizadas. Sobre isso, Said (apud MOURA et. al., 2002, p. 08) nos ensina que:

A inovação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo sobre outras formas.

Ao escrever a história das Folias de reis, contada pelos protagonistas, prescreve-se que a memória persiste, a história é contínua e não há como entender o presente sem conhecer o passado. O antes também já foi o agora, o agora será o antes, e assim se faz a história, se forma uma sociedade, se constrói vidas. Entretanto as diferentes formas de manifestar essa vida, que tem a necessidade de fazer história, surge do meio do povo e com a sua maneira de mostrar-se gente.

A Musicalidade e as Danças nas Folias de Reis em Canabrava

Tudo começava no cortejo das Folias de Reis. Ao chegarem nas casas das pessoas, tinha-se o canto que era entoado na porta de entrada, cantava-se e esperava que os donos das casas abrissem a porta para continuar dentro de casa.

REIS DE CHEGADA

Vimos cantar o reis
Como canto la na coroa,
O senhor dono da casa,
Deus lhe dê uma boa noite.

Boa noite Deus lhe deu
Alegre cantando
Em missa nova de festa
Entrada de novo ano.

Entrada de novo ano
Com prazer e alegria
Pra cantar Santo Reis
Não tem noite e não tem dia.

Vinte e cinco de dezembro
Não se deita em colchão
Menino Deus foi nascido
Nas palhas secas do chão.

E também dono da casa

Olha a chuva no telhado
Venha ver o Deus menino
Como está todo molhado.

E também dono da casa
Saia fora e venha ver
Vem receber seus criados
Que vieram obedecer.

Santo Reis andou no mundo
Não é por ganhar dinheiro
É pra cumprir uma promessa
No dia seis de janeiro.

Entrando em casa cantava mais reis, não tinha quantidade exata, variando sempre a depender da vontade e disposição dos cantadores e o gosto dos moradores. Se na casa tivesse armada uma lapinha, cantava-se primeiramente em frente a essa que era a representação do presépio. Essa música era também específica, chamava-se “reis da lapinha”.

REIS DA LAPINHA

Deus te salve casa santa
Onde Deus fez a morada
Onde mora o Cálix Bento
E a Hóstia Consagrada.

Vamos salvar a lapinha
Porque devemos salvar

A lapinha de Belém
Onde o menino Deus está.

Vinte e cinco de dezembro
Não se deita em colchão
Menino Deus foi nascido
Nas folhas secas do chão.

Ajuntaram os três Reis Magos
A partir do Oriente
Guiados por uma estrela
De um Deus onipotente.
O galo crista de serra
É pássaro reduzido
Foi ele quem deu a bela nova
Que Jesus era nascido.

Que Jesus era nascido
Na lapinha de Belém
Foi nascido e anunciado
Já nasceu pro nosso bem.

Por aqui o galo cantou
Carneiro berrou também
Ele berrava e dizia
Jesus nasceu em Belém.

Nossa Senhora da Lapa
É madrinha de João
Eu também sou afilhado
Da Virgem da Conceição.

“Nossa Senhora da Lapa”, em muitas músicas de reisados se ouve a referência à Lapa. Essa referência é a cidade “Bom Jesus da Lapa”. Nesse lugar há uma gruta feita igreja, muito grande e bastante famosa para os devotos do “Bom Jesus”. Dentre os vários departamentos da gruta, há dois salões que são igreja, uma sala dos milagres. Essa sala é o lugar onde os fiéis devotos levam alguns objetos e lá depositam como pagamento de promessas feitas. Há muita quantidade de braços e pernas de plástico, há casas e carros em miniatura, vestidos de noivas, muletas, gibão. As pessoas fazem seus pedidos e, quando são atendidos, em agradecimento ao Bom Jesus da Lapa leva alguma coisa material, que represente de algum modo, a graça alcançada.

É muito comum deslocar do Brasil inteiro romarias para a gruta do Bom Jesus. Os moradores de Canabrava, em um tempo em que o meio de transporte era cavalo ou andavam a pé mesmo, houve-se o relato de pessoas que foram a pé, de Canabrava à gruta do Bom Jesus. A distância é de aproximadamente 200 Km.

Na despedida das Folias de Reis cantada nas casas das pessoas, tinha também um reis próprio, que agradecia as ofertas recebidas e despedia-se convidando os donos e os demais presentes para a reza no último dia, no dia seis de janeiro.

REIS DE SAÍDA

Deus te pague a bela oferta
Que dá de bom coração
Quando chegar lá no céu
Deus te dá a salvação.

E também dono da casa
Como chama a sua senhora?
Ela é uma filha de Deus
Serva de Nossa Senhora.

E também dono da casa
Comandante superior
Não há prata, não há ouro
Que compare seu valor.

Santo Reis assim despede
Com prazer e alegria
Quem tiver saudade dele
Vai a reza no seu dia.

Vai garça voando
No ar bateu as asas

Vai voando e vai dizendo:

Viva o dono desta casa!(Fala-se em tom alto, VIVA SANTO REIS!! VIVA O DONO
DESTA CASA!! Todos respondem aos vivas)

Os grupos cantadores de reisados, em Canabrava, utilizavam como instrumentos musicais o tambor, zabumba, triângulo, pandeiro, prato, currichá, violão. No grupo conhecido como “O Reis de Bubu”, os responsáveis para tocar os instrumentos eram os seguintes:

- Tambor: Sr^a. Florinda
- Zabumba: Sr. Maciano
- Triângulo: Sr. Leonildo
- Pandeiro: Sr. Darli
- Prato: ninguém em específico, quem se interessasse tocava na hora.

No grupo do Sr. Guilhermino, os instrumentos eram tocados pelas seguintes pessoas:

- Caixa: Sr. Guilhermino
- Pandeiro: Sr. Pedro
- Triângulo: não souberam informar
- Violão: Manoel

Cada pessoa que tocava era o responsável por adquirir e guardar seus instrumentos. Os aparelhos musicais utilizados pertenciam a cada um individualmente, ou seja, não era de propriedade do grupo, pois este não possuía instrumentos. Cada pessoa que se interessava em tocar, comprava o instrumento e ficava com ele, utilizava-o nos festejos, mas guardavam em suas próprias casas.

O instrumento principal era o zabumba, uma espécie de caixa, porém maior que o tambor e que produzia um som mais apropriado para as músicas cantadas nas Folias de Reis, como o samba e a chula. A Sr^a. Helena nos diz “*bom mesmo é o zabumba*”, este é o predileto nas danças, juntamente com o tambor, que não pode faltar.

Após cantar as músicas homenageando os três Reis Magos e, se na casa onde entrassem tivesse uma lapinha armada, cantava-se na lapinha, posteriormente a isso passava-se a cantar e dançar samba e chula.

Há várias caracterizações para o samba, tem-se o samba - corrido, o samba - chula, o samba - miudinho. Nas celebrações das festividades de Santos Reis, na localidade de Canabrava prevalece o samba de roda e o samba – chula.

O samba de roda é descrito no Trecho da Certidão de registro do Samba de Roda do Recôncavo Baiano como Patrimônio Cultural do Brasil, emitida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 2005 (apud ALVARENGA, no III Encontro Baiano de Estudos em Cultura) da seguinte maneira:

O samba de roda baiano é uma expressão musical, coreográfica, poética e festiva das mais importantes e significativas da cultura brasileira. Presente em todo o estado da Bahia, ele é especialmente forte e mais conhecido na região do Recôncavo, a faixa de terra que se estende em torno da baía de Todos os Santos. Seus primeiros registros, já com esse nome e com muitas das características que ainda hoje o identificam, datam dos anos 1860.

O samba de roda é fortemente presente na Bahia. A música é carregada de poeticidade e os cantores dançam coreograficamente ao entoar o som. Entretanto em Canabrava, essa coreografia não é rigidamente seguida, os cantadores das Folias vão adequando as coreografias às suas possibilidades e saberes. Apresentamos a seguir um exemplo de Samba de Roda cantado por esses grupos.

SAMBA DE RODA

É duído, é duído, é do ar;
Dois amor desapartar
É duído, é duído, é do ar.
Dois amor quando se aparta
Só cachorro é quem não sente
Quem quer ver se dói ou não
Deixa-te ficar ausente.

É duído, é duído, é do ar;
Dois amor desapartar
É duído, é duído, é do ar.

Candieiro de dois bico
Não lumeia dois salão
Não se pode navegar
Dois amores num coração.

É duído, é duído, é do ar;
Dois amor desapartar
É duído, é duído, é do ar.
Venha cá meu bem amado

Venha cá meu bem querido
Só não chamo você por nome
Pra não ser reconhecido.

É duído, é duído, é do ar;
Dois amor desapartar
É duído, é duído, é do ar.

Chico Pira pegou fogo
Minha sogra morreu queimada
Eu panhando o filho dela
Da sogra não quero nada.

É duído, é duído, é do ar;
Dois amor desapartar
É duído, é duído, é do ar.

Minha sogra Deus nos salve
Meu sogro salve rainha
Cunhado vida doçura
Amor esperança minha.

É duído, é duído, é do ar;
Dois amor desapartar
É duído, é duído, é do ar.

O Dossiê IPHAN (2006, p. 23) ressalta, de forma resumida, as seguintes características do samba de roda:

- Disposição dos participantes em círculo ou formato aproximado, onde o nome samba *de roda*.
- Presença possível de instrumentos musicais membranofones – caracteristicamente, o pandeiro; idiofones – caracteristicamente, o prato-e-faca; e cordofones – caracteristicamente, a viola. Os tocadores ficam juntos fazendo parte do círculo. Os presentes participam do acompanhamento musical com palmas, segundo certos padrões rítmicos em *ostinato*.
- Cantos estróficos e silábicos em língua portuguesa, de caráter responsorial e repetitivo. A estrofe principal, em certos casos, chamada de chula, pode ser cantada por um ou dois cantores com certo grau de especialização, enquanto a *resposta* ou *relativo* - trata-se de termos locais - pode ser cantada por todos os presentes ou, às vezes, por dois cantores também especializados, diferentes dos dois primeiros, com ou sem reforço das mulheres presentes. [...].

Marcas como os participantes em círculo, instrumentos musicais, as palmas, caráter responsorial e repetitivo são vistas no samba realizado nas Folias de Reis em Canabrava. Carlos Sandroni (2006, p. 104-105) nos descreve o samba como:

O conceito de “samba” é tão vasto e profundo na música e na vida brasileiras que praticamente desafia definição. É um gênero (musical e coreográfico), um acontecimento e um grupo de pessoas. Como gênero, frequentemente não se distingue de outros, a não ser pela região e pelos nomes que aí recebe. (...) “Samba de viola”, “samba de chula”, “samba de parada”, “samba de partido alto”, “sambasant’amarense”, “samba amarrado”, todos se referem a um mesmo fenômeno: variam as denominações conforme diferentes aspectos que apresenta.

Na descrição da Chula, a Sr^a. Florinda nos relata que cantava somente três ou quatro pessoas. No grupo já tinha as pessoas específicas que cantavam a chula, “*porque se todos cantassem não dava certo e ficava feio*”. Geralmente eram os homens quem cantavam, não como regra fundamental, mas pelo tom de voz que dá mais certo, assim nos disse alguns entrevistados. A Sr^a. Heremita, neta do Sr. Guilhermino para diferenciar a chula do samba nos diz que a chula é mais rápida, diz também que nem todos os integrantes do grupo sabiam dançar a chula. A chula se diferencia do samba e requer mais molejo e prática. A Sr^a. Helena nos disse que a chula é mais rápida que o samba, por isso somente alguns sabiam dançar. Apresentamos a seguir, um exemplo de Samba Chula, cantado pelo grupo:

SAMBA CHULA

Oh laranjeira
Botei água no seu pé
A laranja de madura
De tão doce, virou mé.

A alegria do carreiro
É de ver o carro cantar.
A alegria dos meus olhos
É de ver meu bem chegar.

Oh laranjeira
Botei água no seu pé
A laranja de madura
De tão doce, virou mé.

Alegria eu não tenho
Tristeza comigo mora.
Quem quiser ver minha alegria
Manda a tristeza ir embora.

Oh laranjeira
Botei água no seu pé
A laranja de madura
De tão doce, virou mé.

Estou cantando, estou dizendo
Coração magoado.
Estou sabendo da notícia
Que eu estou de amor tomado.

Oh laranjeira
Botei água no seu pé
A laranja de madura
De tão doce, virou mé.

Quem tomar o meu amor
Eu vou na casa buscar
Porquê é muito desaforo
Uma amar e a outra casar.

Para se realizar o Samba de Roda ou o Samba Chula, no interior das casas das pessoas, formavam-se uma roda, os músicos tocavam os instrumentos que tinham no grupo, as pessoas iam batendo palmas, acompanhando o som. Percebe-se que as palmas surgem também como instrumento musical no samba de roda. Enquanto se canta, as pessoas vão entrando na roda e sambando. Indagada se entrava na roda individualmente ou se podia entrar mais pessoas juntas para fazer o samba, a Sr^a. Helena nos diz “*quem era boa pra sambar, ia de uma, quem não sabia direito, ia de duas*”. Há artimanhas para driblar a vergonha ou tirar toda a atenção do público voltada para si. O importante é que, no samba de roda, todos podiam entrar na roda, mesmo não sabendo direito. Quanto à chula, havia maior restrição, apenas os que diziam saber podiam dançar, os que não sabiam permaneciam olhando e admirando.

Durante a dança, no samba, se tivesse alguém dentro da roda dançando e outra quisesse entrar para dançar, bastasse, quem quisesse entrar, bater palma próximo de quem estava no centro, então entendia-se que estava pedindo a pessoa para sair que ela queria entrar. Em alguns grupos, quando quem estava na roda quisesse convidar alguém para entrar também e dançar juntos ou separados, bastava tocar perna com perna em alguém. Esse toque de perna era o convite para entrar na roda, e quem recebia o toque tinha que aceitar e entrar.

A Sr^a. Heremita nos conta que havia uma contradança que se realizava no grupo que ela acompanhava. Formava-se duas filas, colocava um pau no meio e as pessoas passavam entre esse pau, uns iam pra lá e outros vinham pra cá, mas não podiam derrubar o pau. Essa contradança era uma coreografia realizada pelos componentes na hora do samba. O “pau no meio” marcava o centro das fileiras e servia como referência para a realização das danças.

É notável que os Sambas de Roda e as Chulas cantados e dançados pelos cantadores de Reis nos folguedos realizados, expressam com clareza que os festejos de Santos Reis é também momento para o lazer. Essa era a oportunidade do povo expressar, por meio da música e da dança sua tradição, apontando a união entre o sagrado e o profano na celebração das Folias de Santos Reis.

Lapinha: Religiosidade e Cultura

Vamos salvar a lapinha, porque devemos salvar
A lapinha de Belém onde o menino Deus está
A lapinha de Belém onde o menino Deus está

Na tradição em Canabrava, a "lapinha" é a representação do presépio onde nasceu o menino Jesus, por isso está comumente ligada às festividades dos Santos Reis, visto que eles foram ver o menino Jesus que nasceu na gruta de Belém e saiu anunciando pelas vilas. A lapinha é a representação dessa gruta. Faz parte da religiosidade do povo, mas vem misturado com a cultura, pois não é algo meramente bíblico, é também uma mistura de religiosidade e cultura. É, na verdade, a forma que o povo usa para dar matéria àquilo que é imaterial. É uma forma do povo tornar visível aquilo que é invisível. É como se quisesse tornar tocável a sua forma de crer, transportando para o plano humano aquilo que brota de sua crença.

Assim a lapinha carrega consigo um misto de religião e cultura, mas a religiosidade como forma de expressão de um povo está intimamente ligada à cultura e suas diversas formas de manifestações. Sobre isso nos afirma BEZERRA (2013, p. 26):

A religiosidade é uma produção humana, situada na esfera da cultura. Por esse conceito conhecemos por 'religiosidade cultura', que é definido como sendo um conjunto de práticas simbólicas de origem popular, acompanha a vida da igreja cristã. Trata-se de expressões, gestos, atitudes, que expressa uma relação pessoa com Deus. Por exemplo, beijar a cruz, ajoelhar-se em adoração, participar de romarias, etc. esta religiosidade está enraizada no catolicismo, manifestada na vivência com o sagrado. As manifestações coletivas e sociais, as crenças, os rituais também fazem parte da religiosidade popular.

Essa prática de armação da lapinha, como assim é chamada pelos moradores, simboliza a fé. É uma maneira de aproximar o humano com o sagrado, de trazer para perto da humanidade, simbolizado por gestos e atitudes humanos, a presença do sagrado, que não se limita ao plano físico, mas que pode ser simbolizado e significado para o melhor alcance da mente humana.

De acordo com Ribeiro (apud BEZERRA, 2013), a lapinha chegou ao Brasil pelo teatro dos Jesuítas, tendo presente o presépio, em meados do século XVI. Seu precursor foi Frei Gaspar de Santo Antônio. Se voltarmos atrás na pesquisa, lembraremos que a chegada das Folias de Reis ao Brasil teve uma participação dos padres Jesuítas e suas apresentações teatrais. De igual modo são as lapinhas, pois estas também carregam em suas entranhas a sacralidade, reveste-se de sacramentos, pois o significado vai além do que está exposto. A comunhão com a fé e a compreensão da história do nascimento do menino Jesus ressalta a sacramentalidade do exposto. O que, fora da lapinha, é apenas um objeto, um animal, dentro do presépio, torna-se sagrado, carrega uma comunhão com aquele que para os que tem fé, é o princípio e fim, o menino pelo qual se cumpre as profecias, pelo qual o invisível torna-se visível, o imaterial, torna-se material e o Deus torna-se homem.

Em alguns lugares do Brasil, lapinha é a denominação dada a *“um folguedo que integra os ciclos das festas natalinas do nordeste, que conta a história de um grupo de pastorinhas que viaja até Belém à procura do menino Jesus”* (BEZERRA, 2013, p. 24).

Para a tradição canabravense, lapinha é o próprio presépio, lugar onde nasceu o menino Jesus. Portanto lugar que prefigura o nascimento de um novo tempo, uma nova história, lugar onde recebeu o menino Deus, onde o acolheu e que serviu de referência para os visitantes, tais como os Reis Magos, os animais que também vieram adorar a Jesus, segundo a história.

Na tradição canabravense a lapinha é montada, ou armada, como é falado pelos moradores, no dia 25 de dezembro e desarmada no dia seis de janeiro. A Sr^a. Helena nos descreve como se monta a lapinha:

A lapinha, cê pega coloca uma mesa, uma mesa assim quadradinha, aí cê vem e pega, antigamente agente pegava umas folhas de cruiri, que era um mato muito cheiroso as folhas, e aí agente vinha e fazia a armação, vinha fazendo aquelas (...) pegando as folhinhas e ia juntando né, e fazia aquele moizim e ia espindurando assim do lado, ficava a coisa mais engraçada.

De acordo com a Sr^a. Helena, a lapinha era algo muito significativo e que precisava ser montada com muito capricho. Mesmo na simplicidade, não dispensa um cuidado especial para torná-la aconchegante e alegre para receber o menino Deus que vai nascer. A parte narrada pela Sr^a. Helena se refere apenas à armação, mas depois de armada ainda tinha muitos personagens que a adentravam. A Sr^a. Helena descreve assim:

Eu uso era boneca, agente as veis fazia até uns enfeites de barro, e ali dava um jeitinho lá tintava e com isso, era assim que acontecia, fazia boi, cavalinho, um monte de coisa. (...), os animaizim que colocava na lapinha, tinha muito enfeite, agente fazia, assim ramo de flor né pra colocar também.

Além dos animais presentes, continha também as imagens do menino Jesus, de nossa Senhora, sua mãe e de José, seu pai adotivo. A representação do lugar onde Jesus nasceu. Esses são os personagens principais na história, elementos que não podem faltar em uma lapinha. Mas são acrescentados também os santos de devoção de quem arma a lapinha. É importante que se tenha luz, quanto mais luz melhor, pois o menino Jesus é a luz do mundo que chega para iluminar quem está na escuridão, então o lugar onde está o

menino Jesus fica iluminado pela sua luz. Nos conta a Sr^a. Helena que todos os dias a noite, durante o período em que estava armada a lapinha, ela ascendia uma vela, fazia suas orações em frente e deixava a vela acesa até a hora em que ela fosse dormir.

A lapinha era montada dentro de casa, na primeira sala para ficar bem visível a todos. Os vizinhos sempre compartilhavam os enfeites para colocar na lapinha, levavam os animais de barro, flores, o que tivessem que pudesse incrementar o arranjo do presépio.

As pessoas iam visitar a lapinha, saíam de suas casas para vê-la montada pelos vizinhos e conhecidos. De acordo a Sr^a. Helena quando alguém ia visitar a lapinha em sua casa, para ela era motivo de alegria porque estava valorizando as coisas de Deus. Ao ver o presépio as pessoas gostavam de apreciar a beleza, os enfeites que colocava e de como eles ficavam bonitos. Quando perguntado a Sr^a. Helena se as pessoas comparavam uma lapinha com a outra, fazendo competição de beleza, disse ela que a lapinha tinha todas o mesmo significado, era tudo a mesma coisa, é claro que cada um tinha o seu jeitinho de montar, mas era a mesma coisa. Disse também que, claro que algumas pessoas falavam “*ah a lapinha de ‘fulano’ está mais bonita*”, mas era tudo a mesma coisa. Diante dessa fala da Sr^a. Helena, se percebe que a beleza da lapinha não se restringe ao seu aspecto físico apenas, aos enfeites colocados, mas vai além do que os olhos veem, a beleza está em olhar e contemplar o menino Deus que nasce ali, está em poder transcender aos olhos humanos e buscar olhar pelos olhos da fé. Assim a cultura manifestada através do costume de montar uma lapinha, traz em seu significado a religiosidade do povo, diz-nos que em meio a um mundo tão material, o homem busca por meio da matéria, expressar sua fé, para dar sentido àquilo que não se toca, mas que se pode compreender e traduzir a vida.

De acordo com a Sr^a. Helena, pela tradição, quem começa a armar a lapinha deve armar por um período de sete anos, no mínimo. Relatou que a sua irmã mais velha armava a lapinha, mas ficou doente e ela continuou. Ela armou durante sete anos e parou por um tempo. Depois de um período sem armar, resolveu voltar com a tradição para que suas filhas pudessem conhecer e seguir com o costume.

No dia seis de janeiro realizava a reza da lapinha, antes de desmanchá-la. Segundo a Sr^a. Helena, rezava o “Ofício da mãe de Deus” a “Ladainha”, depois cantavam os cantos

dos Reis. Esse dia era dia de muita alegria, encerramento desse período tão rico de religiosidade e expressão de fé, mas também de muita alegria por estar vivo e participar mais um ano dos festejos natalinos e das Folias de Santo Reis. Depois das rezas e de cantar aos reis Magos, partilhavam lanches, comidas, bebidas, faziam, na verdade, uma festa. Após isso a lapinha era desmontada, guardava os enfeites, as imagens e as lembranças para, no ano seguinte mais uma vez montar a lapinha. E assim, as expressões religiosas em forma de lapinha iam dando corporeidade à fé e identidade ao povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, ficou evidente que a história dos reisados em Canabrava faz parte da construção da identidade desse povo. Por isso, é patrimônio histórico, pois é a composição das raízes. A sociedade atual deve melhor conhecer e valorizar as Folias de Reis acontecidas nessa localidade.

Durante a construção desta pesquisa, entrevistando, escrevendo e transcrevendo as falas dos entrevistados, bem como buscando fundamentação em outros autores que já dedicaram suas contribuições acerca do tema, foi possível trazer para os leitores desse trabalho muito da experiência dos cantadores de reis de Canabrava e garantir que a memória não seja totalmente esquecida, pois jamais será morta. Ainda que todos os cantadores de reis encerrem seu trajeto de vida nessa terra, a história dos reisados não será enterrada com eles, pois, por meio da escrita, perpetuará entre gerações, e tornar-se-á difundida entre os continuadores de história dessa localidade.

A diversidade de culturas compõe a história e vida desse país. As diferentes formas de manifestações fazem parte do acervo histórico do povo. Os direitos humanos são compreendidos, nesse contexto, como a liberdade do povo manifestar suas diferentes formas de ver e compreender a vida, transformando em atos suas crenças e conceituação de valores.

Durante os estudos realizados neste curso de Educação em e para os Direitos Humanos e Diversidade Cultural, muito se falou da concretização dos direitos humanos. Ficou evidente que o direito se faz no respeito à dignidade, a liberdade que cada ser possui de se manifestar. Educar no contexto da diversidade cultural é ajudar indivíduos a se tornarem homens e mulheres que convivem e respeitam as diferentes manifestações culturais que surgem no meio do povo, é compartilhar com os educandos o respeito mútuo, é encontrar no outro, que é diferente de mim, a forma complementar para se construir a diversidade cultural que compõe essa nação. Educar para os direitos humanos é dar a

oportunidade de o povo manifestar-se culturalmente de forma livre e valorizada.

Diante dos dados obtidos com as entrevistas, ficou evidente que o povo não vive só de pão, mas de cultura também. Em cada palavra de saudade, em cada gesto dos entrevistados, demonstravam que não somente compunham as Folias de Reis com o físico, mas, ali estava também o seu coração. Direitos humanos se concretiza também no valor dado as manifestações do povo que traduzem sua beleza e seu encantamento diante da vida, que expressa a razão de viver e, mais que isso, que da sentido à vida.

Não se limita aqui os esforços necessários para que os reisados de Canabrava seja considerado como patrimônio histórico da comunidade. Não se completa o ciclo. É apenas um pontapé para que mais pesquisas se concretizem a fim de eternizar a memória dos povos que, com seu jeito de se expressar nas Folias de Reis, construíram um legado para o memorial de Canabrava.

Espera-se que o reisado torne uma fonte de pesquisa cada vez mais fecunda, que possibilite a muitos estudiosos voltarem os olhos, o coração e a mente para essa riqueza cultural surgida no meio do povo. Que diferentes estudos futuros possam contribuir para um registro legal dessa herança. Que as Folias de Reis de Canabrava possa se tornar referência para estudantes e historiadores.

Não se encerra aqui as contribuições dos reisados para a sociedade canabravense. O legado se estende entre as gerações. Muitas contribuições permanecem de forma subjetiva na formação histórica dessa localidade. Por isso, qualquer estudo que se pretende a compreensão do legado dos reisados, complementarará essa iniciativa e enriquecerá, ainda mais, a historicidade do legado dos reisados deixado às gerações canabravenses.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Oswald. *Reisado: Um Patrimônio da Humanidade*. Juazeiro do Norte: Banco do Nordeste, 2008.

BEZERRA, Alana Simões. *Cultura Popular entre a tradição e a transformação*. 2013. 139 f. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

BÍBLIA SAGRADA, edição pastoral. Ed. Paulus, 1990.

CARVALHO, Edsonina Josefa de. *Estrela do Oriente : uma Folia do setor Pedro Ludovico, Goiânia, Goiás*. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural) – Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2009.

CATENACCI, Vivian. *Cultura Popular: entre a tradição e a transformação*. São Paulo.

CHAVES, Danisa. *A Folia de Reis na Cidade de Três Corações: Um estudo sobre cultura popular*. 2011. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Três Corações, 2011.

IPHAN. *Samba de Roda do Recôncavo Baiano*. Dossiê IPHAN 4: Ministério da Cultura, 2007.

JUNHO, José Geraldo de Souza & SOUZA, Nair Heloisa Bicalho. *Tornar-se humano e os*

direitos humanos seção II, *tornar-se cidadão/cidadã a ética na educação*. Brasília: UnB, 2015.

MARCELINO, Marcio Michalczuk. *Uma leitura do Samba Rural ao Samba Urbano na cidade de São Paulo*. 2007. 183 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, 2007.

MARCHESINI NUNES, Caroline Prado. *SABERES DOS SABORES: O comer que revela um povo. O município de Candiba pelo seu registro alimentar*. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Três Corações, 2009.

MOURA, Cássia Regina Nunes et. al. *História Local: A Memória Coletiva da Origem de Canabrava*. 2002. 37 f. Monografia (trabalho de conclusão de curso em Pedagogia) - Universidade do Estado da Bahia – Uneb. Malhada, 2002.

PULINO, Lúcia Helena CavasinZabotto. *Diversidade Cultural e Ambiente Escolar seção II, Diversidade cultural, singularidade e processos de desenvolvimento e aprendizagem*. Brasília: UnB, 2015.

TYLOR, Edward. *Primitive Culture*. Nova York: Harper Torchbooks. 1958.